

## UMA PAGINA «REAL»



Sua magestade el-rei acaba de conferir-nos a subida honra de collaborar connosco, cedendo para o Antonio Maria alguns trechos do seu famoso Hamlet.



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Guildenstern: — Mas, senhor, eu não posso nem sequer tirar um som d'este instrumento; falta-me o talento.  
 Hamlet: — Que especie de imbecil me julga então? Sou a seus olhos um instrumento de que pretende tirar sons, que parece conhecer tão bem.  
 Pretende sondar até ao fundo da minha alma, para descobrir o meu segredo; queria então fazer vibrar todas as cordas do meu sentimento. D'este pequeno instrumento (mostrando-lhe a charamela — QUE É UMA FLAUTA) tiram-se sons e notas as mais melodiosas; e contudo nas suas mãos não pôde fallar.  
 Pela Virgem santa, sou então mais facil de tocar do que uma flauta? O que lhe asseguro é que se em julga um instrumento nas suas mãos nunca conseguirá fazel-o fallar. Está muito enganado commigo.  
 (Acto 3.º scena 2.ª)



## A SEMANA

## Chronica do outro mundo

Ora é preciso que se saiba, primeiro de que tudo, que o *Diario de Noticias* foi sempre para nós um Evangelho e que nos costumámos, desde pequeninos, a acreditar nas suas palavras com a sinceridade ingenua com que aos quinze annos escutavamos as promessas mentidas da perdida Violante.

(Nanja que nos passe pelo pensamento estabelecer comparações entre a Violante e o *Diario de Noticias*; — a folha da rua dos Calafates foi sempre muito mais casta).

Isto posto, passemos ao assumpto, redigindo aqui da Eternidade esta chronica, que um obsequioso almocreve se presta a entregar na ex-typographia *Lallemant*. O serviço do correio ainda aqui não chegou — felizmente.

Vamos ao caso. No sabbado passado, á hora do almoço, começámos a lêr no *Diario de Noticias*; «Á meia-noite... Julgámos que se tratava d'aquelle verso:

«Á meia noite  
Saiu d'um cano  
Cheio de pó  
Chrispiniano...»



Mas qual carapuça! A coisa era mais séria:

«Á meia noite, acaba-se o mundo!»

— Bem! pensámos connosco; o *Noticias* que o diz é porque lá o sabe; toca a arranjar a farpella para a eterna passeiata...

Saímos a fazer algumas compras indispensaveis, como um colleirinho e um par de punhos metallicos, d'aquelles que os inglezes usam muito em viagem por se lavarem facilmente com um trapinho e um pouco de cuspo, liquidámos as contas com o tendeiro, mandámos para as redacções dos jornaes um communicado despedindo-nos das familias das nossas relações e pedindo desculpa de não o fazer pessoalmente pela precipitação da partida etc., prevenimo-nos com uma caixinha de sakerhets-tandstickor, arranjámos uma carta de recommendação do Osorio da Lapa, e ás 11 horas da noite tomavamos o comboio de vale de lençoes para a viagem nos parecer mais curta.

E qu'rendo fazer (que luxo!)  
O chylo — com e h —  
Ao esticarmos de vez,  
Mettemos na pá do bucho  
Um bello kilo — com k —  
Das **bolaxas 103.**

Assim conciegadinhos, lançamo-nos provisoriamente nos braços da Somnolencia, em quanto a Parca implacavel nos não constrangia á infidelidade do *changé de dam* que o *Diario de Noticias* nos havia diagnosticado.

Apesar de resonarmos como um bem-aventurado, ouvimos perfeitamente, á hora precisa, o cuco da nossa casa de jantar abrir discretamente a gelosia da sua agua-furtada e, assomando ao peitoril, acordar os eccos melancholicos do aparador de nogueira com estas terriveis palavras:

— *Cú-cú!*...

E em que torpel de pensamentos dolorosos veio alvoroçar-nos a alma aquelle funesto *cú-cú* percursar do fim do mundo!...

Tinha chegado o momento fatal! E nós murmuravamos baixinho, com medo de que as paredes o ouvissem e o fossem depois contar lá para fóra, quando d'ahi a bocado se apanhassem á solta:

— Adeus, sonhos doirados da nossa imaginação de poeta!

Adeus, brancas noites de luar *au bord du Tage*! Adeus, immaculado *mestre Zé*! Adeus, senhor *Fontes*! Adeus, senhor *Bazorra*! — O momento era tão solemne, que até lhes demos senhoria!...

Finalmente, o cuco inexoravel, apparecendo pela duodecima vez ao parapeito da janella, pronunciou a vigesima quarta syllaba fatal que determinava o medonho cataclysmo...

— *Cú-cú!!!*.....  
Foi terrivel!!!

Ouviu-se um estampido indescriptivel, como se os senhores Rosa Araujo e conselheiro Arrobas tivessem esbarado ao virar d'uma esquina, estoirando os respectivos bandulhos, e o mundo voando em estilhaços espalhou-se pelo Infinito fóra com a promiscuidade d'um punhado de grangeia lançado á porta da igreja sobre a cabeça dos noivos! Vimos passar, com o rapidez da flecha, ante os nossos olhos arregalados, uma coisa branca em que reconhecemos o zimbório da Estrella e outra coisa preta que nos pareceu o bigode do senhor *Fontes*!

As aguas dos mares, irrigadas pela bomba a vapor de Jehovah, attingiram o nariz do *baixo Rapp*, e d'ahi, despenhadas no espaço, foram cair em chuva de molha tolos sobre as aldeias do planeta Jupiter! Alguns habitantes da Terra que já para lá tinham sido arremeçados e a quem esquecera o chapéu de chuva, chegaram a casa como uns pintos!...

Em menos tempo de que o *clown* Conrad leva para fazer — *ficht!* — estava o mundo reduzido a um verdadeiro cahos! Parecia o archivo d'uma secretaria d'estado!...

Isto fôo o que se passou e nós podemos afiançar sob a nossa probidade de chronista serio. Alguns asseguraram, porém, que o mundo se não acabou tal, porque Jehovah, ao abril-o com a faca de cosinha com que costuma partir as melancias, reconhecera que a Terra estava choca e que, em vez das fontes de riqueza que esperava encontrar-lhe no seio, apenas lhe descobriu *Fontes* de carne e osso que ao contacto do ar se desfaziam em sementes como outras tantas teenias desfazendo-se em pevides.

Jehovah ganhou tal susto com o caso que fechou precipitadamente o mundo e disse:

— De medo tremo confuso!  
E em lugar d'este eixo liso  
Que a terra tinha por uso  
Mandar-lhe pôr é preciso  
Um eixo de parafuso...

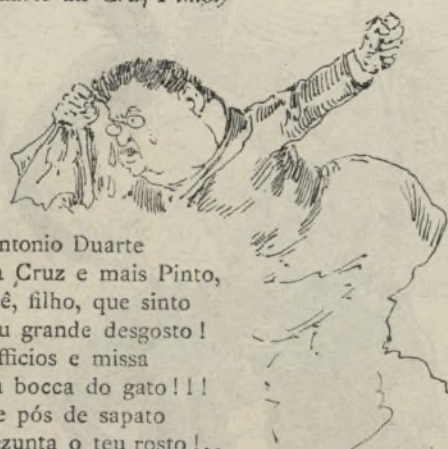


PAN.




## QUE PENA! QUE FERRO!!!


(Lamuria em 5-8.ª, dedicada e offerecida ao maestro-commendador e cavalleiro (com cavallo) o nosso amigo e desventurado Antonio Duarte da Cruz Pinto.)



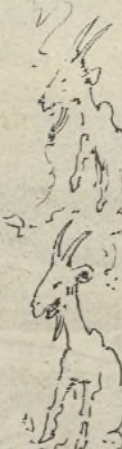
Antonio Duarte  
da Cruz e mais Pinto,  
crê, filho, que sinto  
teu grande desgosto!  
Offícios e missa  
na bocca do gato!!!  
De pós de sapato  
bezunta o teu rosto!..



A tanto trabalho  
perdeste o feitiço!  
Cortaram-te... o fio...  
mal hajas!.. oh Parca!..  
Harmonico Antonio  
'stás fóra do tom;  
foi, teu Cabrion,  
JOSÉ PATRIARQA!



Nem mesmo a commenda  
teu peito consola,  
que o Netto... d'Angola  
foi mesmo um demonio!  
Que noites de ensaio!..  
Qu'explendidas horas,  
com tantas senhoras!..  
Que pena... oh! Antonio!!!

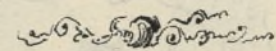


Não mais sustentados!  
Bêquardos... não mais!!  
Em pausas geraes  
Só podes vingar-te!  
Com este fiasco,  
decerto que afinas!..  
Com tantas meninas...  
Que ferro... oh! Duarte!!!

Chenbaram-te a obra,  
algozes tyrannos!  
Tiveste sopranos  
sómente em prefacio!!!

Dirige-te á Sé  
no mesmo instantinho...  
Lá tens Carvalhinho,  
lá tens Bonifacio!

BALTHAZAR MELCHIOR.

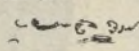
O sr. patriarcha mandou sair do pateo de S. Vicente, no praso de 48 horas, algumas familias indigentes que alli residiam ha muitos annos. Sua eminencia tomou esta resolução em vista do mau aspecto que dava á entrada do seu palacio a presença d'aquelles vultos esfarrapados. Um pastor de almas que se occupa a prégear a religião de Christo até nas casernas dos quarteis, não podia dar mais frisante exemplo de humildade christã de que mandando sacudir a cabo de vassoira os humildes mendicantes que lhe afrontavam a entrada dos sumptuosos' aposentos. Com tão profunda religião e tão acrisolada humildade é impossivel que o eminentissimo não venha a correr parelhas com S. Francisco de Paula, passando á posteridade em imagens de madeira fina, ante as quaes o beaterio cairá de joelhos e nós proprios murmuraremos' respeitosos:

— Eu que te conheci lorangeira...

## THEATRO DO PRINCIPE REAL

E' hoje a festa artistica de Eduardo Rodrigues, um artista modesto e de bastante merecimento, que em tempo fez o favor de representar o nosso typo n'uma revista do anno.

Recommendamol-o.



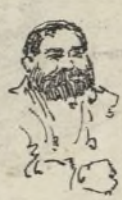
O governo mandou recolher á legação do Rio de Janeiro o major Luiz Quillinan, que estava na legação de Londres, onde teve ha bem pouco o ensejo de prestar a Portugal o mais valioso serviço que um cidadão pôde offerecer ao seu paiz: defendel-o e nobilitar-o aos olhos do estrangeiro.

O governo, depois de reflectir, com a *madureza* e o *patriotismo* que lhe são proprios e a que el-rei sempre se refere nos seus discursos da corôa, concordou sensatamente em que o verdadeiro premio com que poderia galardoar serviços, victoriados e comprehendidos por toda uma nação, seria mandar o auctor d'esses serviços de presente a uma febre amarella, por lhe parecer talvez demasiado gratificar-lhe o esforço extrenuo com o logar de professor de instrucção primaria na aldeia de Paio Pires. É coherente o governo, e nós não podemos, sobre este ponto, dirigir-lhe a menor censura.

Quem leva o *patriotismo* ao ponto de facilitar a burros de Cacihas o accesso na alfandega de Lisboa, e de conferir a condemnados ás gallés o diploma de directores de banco hypothecario, não pôde nem deve, como se dizia nos antigos dramas, comprehender estes *patriotismosinhos* com que veiu á praça o sr. major Luiz Quilliman.

## THEATRO DO GYMNASIO

Quinta feira 17 de janeiro  
Beneficio do camaroteiro Sant'Anna



Ditoso de quem arranje,  
Feliz de quem abiscoite  
Para o Gymnasio, esta noite,  
Um bilhetinho, uma senha!  
Correi todos em demanda  
De Sant'Anna prasenteiro,  
Que apesar de bilheteiro  
Talvez bilhetes não tenha.



O ANTONIO MARIA

## ROSSI, O REI DOS HAMLETS



O' vida que te esvaez qual fumo de alfazema!  
Ser, ou não ser, pedaço d'asno — eis o problema!...

Morrer, dormir, dormir,  
sonhar talvez; terrível per-  
plexidade.



## NO PAIZ DO SYNDICATO



Estava uma noite de luar tão crú que parecia que a rua se transformara n'um prodigioso trolha do universo, derramando por toda a campina, pelos telhados, pela superficie murmurante das aguas, enormes pincelladas de cal liquida. (Esta democratisação da prodiga inspiradora dos vates lyricos deve, talvez, causar arrepios ao palermismo rimado, mas que elle nos permita uma pequena desforra, de tempos a tempos, mimoseando-os com a forte oregueira valongueira, em troca da transparencia dos seus rebuçados de rosa). Dada a tinta neutra do quadro, permittam-nos que lhes apresentemos as personagens. Pelo areal que o forte de S. João da Foz domina, caminham tremulamente dois vultos. Um carrega com um embrulho mysterioso; o outro, como estes seres predestinados pelo Alto, segue a passo curto para a beira mar, mas com a tenacidade de quem vae cumprir uma promessa. Que estrella funesta guiava aquella marcha? que intenção recondita presidia aquelle caminhar phantastico para a beira mar? Que objecto seria aquelle tão cuidadosamente empacotado, como se valesse um thesouro, ou denunciase um crime? Seria algum doge transplantado para este seculo que levava ao oceano o seu presente de nupcias? Alguma nympha barbarizada reclamaria a cabeça do sr. Correia de Barros para mandar coser com feijão branco? Ha um caso similar na historia biblica. Algum infanticidio? As provas de algum crime? O projecto do porto de Leixões. A trombeta acustica do commissario da policia? A caldeira da sopa economica? Mysterio! Terrivel mysterio! O dr. Gomes e um amigo iam lançar sobolas aguas do mar os maus espiritos que ultimamente teem atribulado a sua existencia pacifica. Fôra chamado o cego da Fontinha, a quem devemos estas noticias e que nós respeitamos tanto como respeitamos o papa Alexandre VI, que tinha á suas ordens um demonio familiar, e elle dissera que era urgente expulsar da casa do illustre medico todos aquelles espiritos que lhe vinham de noite puxar pelo nariz e arrancar os cabellos. Assim se fez. Cumpriu-se a ordenação do mago. Arrancou-se um punhado de fofo de cada colchão, um pedaço de terra do quintal, outro da loja, fez-se um embrulho, e o dr. Gomes e o seu amigo foram lançar-o ás salsas ondas, tendo previamente o cuidado de voltarem as costas para o mar.

O cego da Fontinha, que tem morada aberta, onde vêem fallar os espiritos invocados, disse-nos que era este o unico processo de expulsar por uma vez as almas penandadas, os lobishomens, os diabinhos que andam a rabiá na atmosphera.

Nós conhecemos ainda outro; é este que vamos applicando, sem de modo algum querermos rivalisar com Armand de Villeneuve, Francisco Pequena e a bruxa do Codeçal.

\* \*

Por occasião da abertura do caminho de ferro de Guimarães, o escrivão Vieira Negro Melro, brindou á saude das *thermas de Vizella*. Parece-nos que isto é levar longe a faculdade de fazer rhetorica *interpocula*, porque n'esse caso estamos auctorizados a beber á saude do sinapismo Rigolot.

A Associação de Beneficencia de Cedofeita mandou fazer o busto do sr. Correia de Barros para ser collocado na sala da sua creche. Nós já tinhamos o illustre presidente da camara a oleo, n'um quadro que lhe foi offerecido pelos seus empregados. Os moradores de Massarellos querem que o nome do sr. Correia de Barros seja dado á avenida de Villar. Os visinhos de Costa Cabral (não nos referimos ao hospital do Conde de Ferreira) já brindaram o sr. Correia de Barros com uma corôa de louros. Se este furor barrista continúa por mais algum tempo teremos as bandas municipaes a tocarem o hymno do Zé Augusto, na Cordoaria, aos domingos, depois da missa do Carmo.

Parece-me, porém, que a lembrança da Associação de Beneficencia de Cedofeita não foi lá das mais felizes. Não digo que a intenção fosse má; mas o retrato de tão grandioso varão na sala de uma creche, deve causar arrepios aos pequenitos asylados.

Ferozmente barbudo, o sr. Correia de Barros representará de papão para o espirito tenro das creanças. Em vez de o considerarem um pae fecundo, ellas alimentarão por aquelle busto o panico que geralmente infunde nos cerebros rudimentares a legenda do homem dos sustos, e é muito provavel que a ameaça, até agora empregada pelas amas: — *olhe que lá vem o papão* — virá a ser substituida por est'outra — *olhe que vou fazer queixa ao Barros*.

Da influencia deleteria que a presença do sr. Correia de Barros póde exercer n'uma sala de creche, não nos alargaremos mais, mas é certo que ella deve ser poderosa e fundamente estudada pela direcção da casa. Deus do panico, o illustre presidente terá na creche um templo, nos directores os sacerdotes, nas creanças — os fieis; quanto ao incenso...

\* \*

O sr. visconde de Moser mandou fazer as suas armas, mettendo no escudo cinco cabritos.

Um hereje em assumptos politicos e em assumptos religiosos, explicou-nos o facto, dizendo-nos que aquelle numero foi escolhido pelo novel visconde, porque nas armas reaes portuguezas apparecem cinco chagas de N. S. Jesus Christo!

Eu, que não levo as cousas tão longe, peço simplesmente para que a munificencia régia altere a titulo do sr. visconde de Moser para visconde *Mé 5 de Moser*.

JOÃO BRÔA.

## CORRETIÇÃO

Pede-nos o sr. Antonio de Sousa Oliveira Loureiro, pharmaceutico na rua da Rainha, 230, Porto, que declaramos se a correspondencia d'aquella cidade publicada no penultimo numero do *Antonio Maria* é obra d'elle, pharmaceutico. Declaramos solemnemente que o artigo em questão é tanto obra do sr. Antonio de Sousa como as pilulas e limonadas que s. ex.<sup>a</sup> fabrica são obra do nosso collega João Brôa.



## NOTICIAS BUROCRATICAS



O sr. conselheiro Romão, chefe da repartição de mimica da secretaria de S. Carlos, coadjuvado pelo primeiro



official Moraes, tem-se mostrado incansavel no desempenho da ultima pantomima official que foi commettida ao seu serviço. Ouvimos que os poderes publicos resolveram ao que parece fazer baixar, do ministerio competente, uma portaria de louvor, como remuneração aos serviços de tão prestante funcionario.

## NOTICIAS THEATRAES

Continuam a agradar extraordinariamente no Coliseo de S. Bento os exercicios executados pelo notavel professor de equitação Manoel Wulff da Assumpção, cujo



cavallo branco trabalhando em alta escola tem provocado os applausos de todo o circo e a admiração dos entendedores. Parece que a sociedade promotora do apuramento das raças cavallares votou a verba de 3565 reis para aquisição do cavallo de s. ex.<sup>a</sup>. Applaudimos tal resolução.

## DOIS CONDES

## CONDE DE INHANBANE

Eu sei que ha tres dias.  
Baptista Machado,  
Foste agraciado  
Co'um tit'lo de estucha:  
E que satisfeito,  
P'ra casa voltando,  
Vieste cantando:  
— Maria Cachucha...

É justa a alegria  
Que o corpo te inunda  
Até á mais funda  
Medula dos ossos,  
Caindo nas graças



Da grande, altaneira,  
Amalia 1.ª  
Que vende tremoços!

É justo que o riso  
Nos labios te avonde,  
Assim feito conde  
Qual um Mesquitella;  
Porém, toma nota,  
Que é coisa precisa  
Não mais a camisa  
Mandar á barrella.

De Amalia 1.ª  
A côrte matuta  
As graças disputa  
Qual mais se distinga;  
E á regia princeza  
Desperta-lhe o fraco  
Quem mais no sacavo  
Cheirar a catinga!

## CONDE DE MONTALEGRE

Noticia excentrica  
A imprensa bota  
Da Porcalhota  
Té Portalegre:  
Diz que o Basorra,  
Gentil, perfeito,  
Conde foi feito,  
De Montalegre!

Causou-lhe o titulo  
Profundo abalo,  
Mas a accetal-o  
Sempre resiste;  
Diz que á su'alma  
Só corresponde  
Tit'lo de conde  
Do Monte Triste!

Que p'ra alegrias  
Se sente inerte;  
Nem se diverte  
Vendo a Niniche!  
Diz que só póde  
Mostrar os dentes  
Tendo parentes  
E onde os aniche!



PAN

Uma rubrica do Hamlet, traduzido por sua magestade:

(entra UM SENHOR)



Alto lá com este, que está posto á margem!





DIZE-ME COM QUEM LIDAS...



Em quanto, calcando a tampa,  
Ao pobre povo esborracha,  
De Bazorra a «troupe» campá  
Saltando fóra da caixa.